

# GRAMÁTICA E MODALIDADE – UMA ANÁLISE DE VERBOS MODAIS EM DUAS GRAMÁTICAS DE LÍNGUA INGLESA

Camila Nunes de Souza<sup>1</sup>

Grande parte das gramáticas apresenta os verbos modais como unidades, fragmentando, definindo e limitando seu significado semântico e sua ocorrência sintática. Neste trabalho, veremos como as obras *The Grammar Book*, de Murcia & Freeman e *English Grammar in Use - intermediate*, de Raymond Murphy, abordam estes verbos dentro de questões semânticas e sintáticas. Este artigo representa uma pequena parcela de um projeto maior, cuja justificativa pedagógica é a de oportunizar aos futuros docentes e/ou pesquisadores um entendimento maior de questões Lógico-Modais e de processos de modalização, que, geralmente, não são abordados em livros pedagógicos, deixando o assunto da modalidade em segundo plano no que concerne à linguagem.

## 1. Introdução

Constantemente, falantes de uma língua se referem a situações hipotéticas que pertencem ou não ao mundo real<sup>2</sup> dentro do que chamamos de processo de modalização. O processo de modalização na linguagem natural se dá através de tempo, aspecto e de verbos auxiliares, chamados verbos modais. O presente texto, sendo parte de um projeto maior, propõe a verificação de como duas gramáticas - *The Grammar Book*, Murcia & Freeman, e, mais brevemente, *English Grammar in Use – intermediate*, Raymond Murphy – abordam os verbos modais. Para o propósito deste trabalho.

Modalidade é o fenômeno gramático que permite o falante se expressar sobre situações que não são necessariamente reais (PORTNER, 2009). Não é simples definir quais as características da linguagem que a possibilitam e são associadas à modalidade; ao tratarmos do passado, se esse for hipotético, conta como uma expressão modal.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica (FAPERGS) sob orientação da profa. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños;

<sup>2</sup> Não é o propósito deste trabalho discutir a noção de mundos possíveis e de mundo real, apenas se utiliza a terminologia quando se gradua em modalidade;

<sup>3</sup> Assumiremos que as sentenças possuem uma relação de verdade e não consideraremos regras de validação. Também, não consideraremos as sentenças condicionais.

O sistema modal possibilita ao falante modular as variantes “para sinalizar um comprometimento mais forte ou mais fraco com a factualidade das afirmações” (SAEED, 2009). Pensando em um falante X e a sentença raiz

(1) *She has left by now*<sup>3</sup>

e, observando sua modulação através do emprego do verbo *must* em

(2) *she must have left by now*,

X propõe uma forte correspondência entre predição e realidade.

Observando (1) e sua modulação em (2), percebemos que, de acordo com Saeed,

(...) outra importante categoria semântica que opera no nível sentencial é a *modalidade*. Modalidade é o termo usado para dispositivos que permitem os falantes expressar graus variantes de comprometimento, ou crença, a uma proposição (2009, p 138).

Tratando-se de algumas das funções que os verbos modais podem assumir, o exemplo acima manifesta a função *epistêmica*, pois o falante está sinalizando níveis de percepção. Além disso, uma segunda função classifica-se como *deôntica*, marcando e envolvendo valores do falante como fatores sociais de obrigação, permissão, responsabilidade e formas de comportamento, como na sentença a seguir:

(1) *você pode dirigir esse carro*

pode-se atribuir dois significados:

(2) *é possível dirigir esse carro e*

(3) *você tem minha permissão para dirigir esse carro*<sup>5</sup>.

sendo que (2) é um exemplo de modalidade epistêmica, pois se refere ao conhecimento e ao “(...) fato de que o que é conhecido implica reflexividade (PORTNER, 2009). Já (3) é um exemplo de modalidade deôntica, visto que se relaciona com obrigação e permissão, bem como com noções morais de certo e errado.

O complexo processo de modalização da linguagem natural comporta os mais variados tipos de comprometimento e avaliação do falante com a realidade que o cerca, possuindo, também, função representacional de eventos pessoais ou partilhados. Esta

função representacional encontra-se no julgamento do falante daquilo que ele considera mundo real, sinalizado pela modalidade epistêmica e deôntica, em graus variados.

Modais deônticos, como os modais epistêmicos, sinalizam o julgamento do falante, enquanto com os epistêmicos o julgamento é sobre o mundo real, com os deônticos é sobre como as pessoas deveriam se comportar no mundo. Isso significa que o uso de modais deônticos é ligado a todos os tipos de conhecimento social: os sistemas de crença do falante sobre moralidade e legalidade e suas estimativas de poder e autoridade (SAEED, 2009, p. 140).

Modalidade epistêmica e deôntica, então, são marcadas pelos mesmos dispositivos, e, de fato, algumas sentenças possuem as duas possibilidades de leitura. Essa ambiguidade levou alguns pesquisadores a ponderar sobre o que tange as duas funções:

(...) uma sugestão é que a modalidade em geral nos permite comparar o mundo real com suas versões hipotéticas. Essa abordagem deriva do trabalho de semântica dos mundos possíveis, de Davis Lewis. (...) Nesta abordagem, os modais epistêmicos nos permitem estabelecer situações hipotéticas e expressar diferentes graus de predição de sua compatibilidade com o mundo real (*ibid.*, p 140).

Dado o quadro geral, partimos, então, para a análise das duas gramáticas<sup>4</sup>.

## 2. The Grammar Book – Murcia & Freeman

Aqui, faremos uma breve descrição do conteúdo do capítulo oito, dedicado aos verbos modais.

A gramática inicia com uma abordagem sintática dos modais, apontando os erros mais recorrentes e mencionando, também, a flexão do morfema de terceira pessoa –s e o uso do *to* como indicador de infinitivo e.g. *I can to swim*. No que tange tempo e aspecto, os modais são descritos como auxiliares não flexionados em tempo verbal. O manual destaca, também, que não se pode ignorar que os modais derivam de verbos lexicais, uma vez que, historicamente, possuíam flexão no passado. As formas mais conhecidas – *could* e *would* – nem sempre funcionam em estruturas passadas sendo frequentemente empregados em estruturas presentes. Com os modais *can* e *could* se obtém uma relação semântica entre presente e passado remoto quando são usados com referência a habilidades, como em

(1) *I can't speak French now, but I could when I was a child.*

---

<sup>4</sup>Este trabalho não se trata de uma análise crítica dos manuais pedagógicos, apenas uma verificação de como a modalidade é apresentada para ser trabalhada em sala de aula.

Devido à perda de conexão com o tempo, surgiram as *phrasal forms*, que, frequentemente, assumem os tempos passado, progressivo e perfeito.

**Tab. 1 modais e respectivas formas frasais**

<i>Modal</i>	<i>Phrasal Modal</i>
can, could	be able to
will, shall	be going to, be about to
Must	have to, have got to
should, ought to	be to, be supposed to
would (= past habit)	used to
may, might	be allowed to, be permitted to

De acordo com o manual, os modais assumem duas funções distintas (deôntica e epistêmica, como visto anteriormente) e o mesmo aborda, também, o sistema semântico dos modais, com suas respectivas formas frasais, e seus significados individuais. A gramática destaca que os modais possuem certa oposição aos verbos flexionados e aponta algumas das razões para o emprego dos mesmos:

(...) ao empregar verbos modais, o falante dá a uma proposição um grau de probabilidade, expressão de uma atitude, performa diversas funções sociais – como expressar educação ou fazer pedidos indiretos, aconselhar ou pedir permissão (MURCIA; FREEMAN, 1999).

Os autores abordam as funções epistêmica e deôntica da seguinte maneira:

- (1) significado epistêmico que expressa probabilidade lógica e
- (2) função deôntica expressando uso relacionado a uma interação social

Na descrição acima, Murcia & Freeman é um dos poucos manuais pedagógicos a fazer uma aproximação do assunto com os manuais de linguística teórica. Em (1), o indivíduo considera a probabilidade de determinada situação, e, em (2), o indivíduo leva em consideração as características relevantes da situação social. Grande parte dos modais pode expressar tanto uma quanto outra função e o significado lógico dos mesmos geralmente lida com o processo inferencial ou predições dos falantes, havendo a possibilidade de se estabelecer uma hierarquia lógica.

Tratando da hierarquia lógico-semântico dos modais, o manual traz exemplos de escalas, expressados nas tabelas a seguir.

**Tab. 2 escala de asserção**

That must be Sydney
That will be Sydney
That should be Sydney
That may be Sydney
That could/might be Sydney

*High certainty*



*Low certainty*

Nessa escala, o que define a hierarquia dos modais é nosso processo lógico-inferencial, de acordo com o grau de certeza da asserção.

**Tab. 3 escala de baixas possibilidades**

That might not be Sydney
That may not be Sydney
That won't/wouldn't be Sydney
That can't/couldn't be Sydney

*Low possibility*



*Impossibility*

O processo inferencial que atribui significação aos modais também funciona na forma negativa, apesar de menor frequência.

**Tab. 4 graus de probabilidade**

It will rain tomorrow
It should rain tomorrow
It may rain tomorrow
It (could/might) rain tomorrow

*Degree of probability*

High



Low

Todos os modais acima também podem ser usados para expressar graus de probabilidade, com exceção do *must* – já que esse representa um grau maior em relação de força de inferência. Para o uso do *will* e do *should*, aparentemente, o falante requer certo conhecimento pessoal para fazer uma inferência presente, em contraste com outras formas mais neutras como *could*, *might*, *may*, *must* (MURCIA; FREEMAN, 1999).

A gramática também aborda, como referido anteriormente, a utilização de adjetivos e advérbios para a aplicação lógica dos modais, bem como traz os usos inferenciais do presente, passado e tempo perfeito, além de trazer as diferenças dos verbos dentro de graus de formalidade existentes entre os modais e suas formas frasais correspondentes.

Após essa descrição de como o tema é trabalhado em Murcia & Freeman, veremos, também brevemente, como Murphy trata das questões referentes à modalidade.

### 3. English Grammar in Use – Raymond Murphy

O manual apresenta os modais somente em unidades mais avançadas, de modo fragmentado, começando com noções de fatores sociais como percepção e níveis semânticos de educação. Possui uma apresentação mais simplificada e direta dos verbos e apenas algumas formas frasais correspondentes, além de fazer a distinção temporal de *can* e *could*, sem fazer referência a noções linguísticas de modalidade. Exemplificando com a imagem abaixo, nota-se que a explicação do verbo *could* traz a noção temporal de passado, incluindo, também, seu uso com verbos relacionados aos sentidos.

**C** Could

Sometimes **could** is the past of **can**. We use **could** especially with:

see    hear    smell    taste    feel    remember    understand

- We had a lovely room in the hotel. We **could** see the lake.
- As soon as I walked into the room, I **could** smell gas.
- I was sitting at the back of the theatre and **couldn't** hear very well.

We also use **could** to say that somebody had the general ability or permission to do something:

- My grandfather **could** speak five languages.
- We were totally free. We **could** do what we wanted. (= we were allowed to do)

Fig. 1 MURPHY, Raymond. English Grammar in use. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 52.

Murphy não aborda claramente os graus de probabilidade e/ou possibilidade dentro do uso dos modais, apenas categoriza os verbos sem considerar interação social ou probabilidade lógica, como visto na imagem abaixo em que o autor não faz distinção do uso de *may* ou *might*.

---

We use **may** or **might** to say that something is a possibility. Usually you can use **may** or **might**, so you can say:

- It **may** be true. or It **might** be true. (= perhaps it is true)
- She **might** know. or She **may** know.

**Fig. 2** MURPHY, Raymond. English Grammar in use. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 58.

#### **4. Conclusão**

Este trabalho teve como propósito fazer uma breve verificação de como duas gramáticas, referenciais quando se trata de aplicação, abordam a questão complexa dos verbos modais. Tendo em vista o caráter verificativo deste, não houve uma comparação ou avaliação das mesmas.

Falantes nativos utilizam a modalidade para expressar graus variantes de uma asserção raiz, utilizando, frequentemente, verbos auxiliares que denominamos verbos modais. As questões referentes a modalidade são de caráter amplo e complexo e, para que um aluno de uma língua estrangeira domine esses traços da linguagem, faz-se necessário uma abordagem integral desses aspectos, incluindo o programa Lógico-Semântico. Esse tema não pode ser relegada a segundo plano em sala de aula e em instituições de pesquisa.

As gramáticas verificadas nesta produção ilustraram o que se passa de informação a respeito dos verbos modais. Portanto, há a necessidade de uma compreensão maior de questões semânticas, sintáticas e lógicas da linguagem, questões que serão esclarecidas em futuros trabalhos, tendo em vista que temos aqui uma pequena parcela de como o assunto é visto em muitos manuais.

#### **REFERÊNCIAS**

SAEED, John I.. 2009, *Semantics*. Wiley-Blackwell, 1999.

PORTNER, Paul. *On Modality*. Oxford UK, 2009.

MONAWAR, Mônica D. S.. *Modalidade e Modalização: Uma Interface Sintático-Semântica em Português Brasileiro, Inglês e Romeno*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MURPHY, Raymond. *English Grammar in use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MURCIA-CELSE, Marianne & FREEMAN-LARSEN, Diane. *The Grammar Book*. Heinle Cengage Learning, 1999.